

TEMPO EM DOIS TEMPOS: UM ESTUDO DA NATUREZA TEMPORAL
ATRAVÉS DA FILOSOFIA DA LINGUAGEM E DA LINGUÍSTICA

Martha Machado Porto (graduanda) – PUCRS

Ana Maria Tramunt Ibaños (doutora e professora titular) – PUCRS

Resumo: Através dos séculos, pensadores realizaram inúmeras investigações sobre a natureza do tempo numa tentativa de explicar e definir esta que é a principal variável física da vida humana. O tempo é objeto de estudo de diferentes áreas do conhecimento, tais como Filosofia, Física, Lógica e Semântica, cujas teorias e proposições se completam e se inter-relacionam, constituindo um estudo transdisciplinar e de interfaces, que permitem uma análise mais acurada das relações temporais. Nesse sentido, as três visões tradicionais acerca do tempo, a Absolutista, de Platão, a Relacionista, de Aristóteles, e a Relativista, de Einstein, emprestadas da Filosofia e da Física, são basilares para a compreensão temporal nas atividades humanas, especialmente na Linguagem Natural. As questões temporais centralizam as principais preocupações dos estudos da Linguagem, que estão presentes em todas as línguas. O estudo temporal é a essência da estrutura das línguas humanas (BACH, 2011), seja através da análise dos verbos e/ou da quantificação adverbial. A proposta do trabalho é estudar línguas de origens distintas que permitam validar este argumento, visto que há evidências de alterações e semelhanças morfológicas, sintáticas e semânticas na representação e percepção temporais em línguas de origens distintas.

Palavras-chave: temporalidade, filosofia da linguagem, sintaxe, semântica, interfaces.

Abstract: Through centuries, philosophers have thought several inquiries about time nature in an attempt to explain and to define such fundamental physical variable for human life. Time is the object of study of different knowledge areas, such as Philosophy, Physics, Logics and Semantics. The theories and presumptions found in these areas complete and inter-relate to each other, creating a transdisciplinary and interface study, which allows a more accurate analysis about time relations. In these respect, the three standard assumptions of time – Plato’s Absolutism, Aristotle’s Relationism and Einstein’s Relativism, all loaned from Philosophy and Physics – are fundamental to the temporal comprehension related to human activities, especially Natural Language. Temporal issues comprise the main concerns of Language, which appear in all languages. The temporal study is the very heart of languages’ structure (BACH, 2011), whether through verbal analysis, or adverbial quantification. The proposal of this paper is to study languages that came from different origins in order to support this argument, as long as there are evidences of Morphological, Syntactic and

Semantic differences and similarities in temporal representation and perception among different languages.

Key-words: temporality, philosophy of language, syntax, semantics, interfaces.

Introdução

O tempo é um conceito bastante abstrato e intrigante para o ser humano, em virtude de sua influência na vida humana. O reconhecimento da importância do tempo e o interesse em compreendê-lo são práticas muito antigas. Os povos primitivos observavam os ciclos da natureza para contar a passagem do tempo e estabelecer a ordem de suas atividades agrícolas e de seus rituais mágicos relacionados à colheita e fertilidade. O relógio solar, o posicionamento dos astros e as alterações das estações climáticas eram alguns dos meios rudimentares para demarcar a passagem do tempo. O passar dos séculos possibilitou o avanço tecnológico, mas o tempo permaneceu com sua natureza inalterada, intrigando o homem e o desafiando a compreendê-la.

A natureza temporal tem sido objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento através dos tempos. Dos filósofos gregos aos matemáticos e físicos modernos, todos os pensadores debruçaram-se para compreender esta variável da natureza. Os linguistas, a exemplo dos demais pesquisadores, também passaram a se interessar pelos fenômenos temporais e pela forma como eles aparecem na Linguagem. Na verdade, a temporalidade está tão imbricada na organização do pensamento e, conseqüentemente, da Linguagem que é impossível dissociá-la dos estudos linguísticos, e até mesmo do estudo, ou do ensino, de qualquer língua humana.

Para Emmon Bach (2011), o tempo é a parte essencial da Linguagem; está presente na sintaxe das sentenças, através dos verbos (*tense, aspect e modality*), da quantificação adverbial e das sequências lógicas de evento, aspectos observáveis em todos os sistemas, em todas as línguas. As relações temporais envolvendo verbos podem ser sintetizadas pelo acrônimo TAME (*tense, aspect, mood and evidentiality*), como propõe Östen Dahl (2013).

Neste trabalho, serão analisados os aspectos filosóficos da natureza temporal e a ideia de quantificação adverbial, conforme propõe Bach (2013), associados com ideias

de TAME, especialmente aspecto, e demais implicações semânticas do estudo comparado.

Trata-se de um estudo ainda inicial e, portanto, este artigo não possui pretensões de encontrar respostas definitivas. Ao contrário, propõe a reflexão acerca da natureza temporal e de sua representação na Linguagem para a realização de leituras, considerações e descobertas futuras.

1. As contribuições filosóficas gregas

As reflexões filosóficas acerca da natureza temporal surgiram ainda na Antiguidade em diversas sociedades. As conceituações gregas talvez sejam as mais emblemáticas para o mundo ocidental. O tempo foi eternizado na narrativa mitológica da batalha dos Titãs¹ na figura de Chronos, termo que designa não apenas o nome do deus do Tempo, como a ideia temporal de sequencialidade e sucessão de eventos de o pensamento ocidental é herdeiro. Além da ideia de Chronos (tempo), os gregos também tinham duas outras palavras associadas à temporalidade: Aion (eternidade) e Kairós (instante)².

Dessas representações simbólicas podem-se depreender alguns dos conceitos centrais da discussão acerca da natureza temporal. Emmon Bach (2013) propõe a reflexão desses conceitos a partir de pressuposições, de evidências e da ocorrência deles na Linguagem. As ideias de imanência, independência, relatividade, discritude, linearidade e a definição do agora são propriedades importantes e também foram observadas pelas Ciências Naturais. O fundamento filosófico principal sobre a natureza temporal, contudo, está centrado na dualidade de pensamento que se desenvolveu a partir de Platão e Aristóteles até o advento da Teoria da Relatividade no século XX.

2. Absolutismo *versus* Reduccionismo

¹ Mito grego que explica a origem do universo e das principais relações entre procurar explicar a dependência do homem em relação ao tempo.

² Tradução livre, com base na descrição mitológica do *tempo oportuno*.

Platão postulou a ideia de que o tempo existiria por si, de que seria independente dos eventos e das ações humanas e, portanto, absoluto. O tempo para Platão era obra de um Criador, e estaria dissociado dos eventos humanos e, portanto, da própria existência da vida humana. Por tratar o tempo como absoluto, essa teoria é conhecida como Absolutista, ou Platonismo em Relação ao Tempo. A Física Clássica de Newton baseia-se nesse mesmo princípio para descrever os movimentos dos corpos. A ideia de Isaac Newton se sustenta com o argumento de que o tempo independe da relação das coisas e da matéria (PESSOA JR., 2017, p. 14).

Aristóteles foi o precursor da ideia que se opõe à natureza absoluta e independente do tempo. Para ele, o tempo apenas existiria em razão da ocorrência de eventos; sem eles e, conseqüentemente sem a existência da vida humana, o tempo não existiria. O tempo na concepção de Aristóteles é um produto do pensamento humano, portanto, não é um conceito preexistente. Essa corrente de pensamento ficou conhecida como Relacionista, ou Reducionista em Relação ao Tempo.

O pensamento de Aristóteles ganharia adeptos na Idade Média. Santo Agostinho acreditava na ideia reducionista do tempo, porque não poderia conceber um tempo em que nada haveria existido, nem mesmo Deus. Haveria um tempo em que nada teria ocorrido? (BACH, 2013). Esse questionamento era fundamentado nos princípios religiosos, tão caros para a constituição do pensamento medieval. Mais tarde, outros pensadores, dentre os quais se destaca o matemático Gottfried Wilhelm Leibniz, também foram adeptos da Teoria Relacionista do Tempo. O matemático alemão contrapôs-se pensamento de Newton, defendendo a ideia de que tanto o espaço quanto tempo estavam condicionados à ocorrência de fatos, eventos e, conseqüentemente, à mudança de estados das coisas, da matéria.

Do ponto de vista filosófico, essa dualidade teórica seria compreendida em sua plenitude com o pensamento do filósofo alemão Immanuel Kant. Kant compreendeu que os dois pensamentos não se anulavam e que, em verdade, se complementavam. O tempo, assim como o espaço, é um princípio cognitivo universal; como tal, existe de forma independente da materialidade e das ações relacionadas a ela, como pressuposto por Newton e Platão. Simultaneamente, Kant corroborou a ideia de eventualidades proposta por Leibniz, já que sempre se pensa o tempo a partir de recortes parciais de

indivíduos. (CAMPOS; IBAÑOS, 2013, p. 59). Essa compreensão mais ampla acerca da temporalidade abriria espaço para que Albert Einstein formulasse a Teoria da Relatividade.

3. De Einstein a Sapir-Whorf: a ideia de Relatividade Temporal

Albert Einstein revolucionaria essas ideias com a proposição da Teoria da Relatividade no começo do século XX. Para o físico alemão, o tempo não poderia ser visto como absoluto, como o proposto por Newton, mas sim como relativo. A geometrização espaço-temporal de Hermann Minkowski (PESSOA JR, 2017, p. 55) possibilitou a Einstein construção teórica da Relatividade na Física Quântica. Essas ideias revolucionaram não apenas a Física Formal, suas teorias e aplicações na construção de máquinas e equipamentos de engenharia, como também incentivaram ideias acerca do tempo em outras áreas do conhecimento, entre elas na Ciência da Linguagem. O modelo linguístico que seguiu essa ideia foi consagrado na hipótese de Sapir-Whorf (1956), que postulou a chamada Teoria da Relatividade Linguística.

A hipótese de Sapir-Whorf é fruto da observação e do estudo das línguas faladas pelas tribos indígenas americanas, em especial pela tribo Hopi. A hipótese sustenta que a noção de temporalidade dessa tribo indígena diferia muito da noção de temporalidade americana e, por isso, teria natureza relativa. Embora a hipótese whorfiana tenha sido realizada com base na observação desse fenômeno, ela costuma ser muito criticada pela academia, em razão de diversas falhas em sua formulação e, principalmente, do caráter de superioridade/inferioridade de uma língua em detrimento de outra implícito em suas análises.

Porém, a ideia central da existência de percepções relativas sobre aspectos universais, como a temporalidade, é fato consagrado no campo dos estudos linguísticos. Ainda no século XIX, Wilhelm Humboldt contribuiu com estudos acerca da relatividade a partir da observação de línguas ameríndias da América Central e da América do Sul, em contraste com o paradigma das línguas latinas. A observação

comparativa de diferentes línguas demonstra as peculiaridades individuais de representação simbólica³.

Recentemente, um estudo realizado em parceria entre pesquisadores das Universidades de Estocolmo (SE), Lancaster (GB) e Stellenbosch (ZA) demonstrou o princípio da Relatividade Linguística na percepção e representação temporais. O estudo foi chamado de *The Whorfian Time Warp: Representing Duration Through the Language Hourglass* (BYLUND; ATHANASOPOULOS, 2017).

A pesquisa dividiu os participantes em três grupos: falantes suecos, falantes espanhóis e falantes suecos bilíngues (sueco/espanhol). O estudo partiu do pressuposto de que em Sueco e em Espanhol compreende-se tempo de forma muito distinta. No Sueco, o tempo estabelece uma relação espacial com comprimento, distância (longo/curto); já no Espanhol, a noção de tempo é associada à ideia de quantidade/volume (grande/pequeno/muito/pouco). A partir disso, os participantes foram submetidos às mesmas baterias de testes. As atividades propostas consistiam em observar tarefas, tais como encher um frasco com líquido, e estipular o tempo em que levaria para elas serem concluídas.

Conforme o esperado, os falantes aplicaram essas noções temporais particulares aos eventos observados. O fato curioso ocorreu entre o grupo bilíngue que foi capaz de associar simultaneamente as duas noções (comprimento e quantidade). No entanto, ao contrário da hipótese relativista, a interferência da língua foi restringida apenas para discriminações difíceis (variação súbita de estímulo apenas em duração e crescimento) e eliminada quando as pistas linguísticas foram removidas dos testes. Embora a pesquisa não tenha confirmado todos os pressupostos whorfianos, os resultados demonstraram o princípio de Relatividade associado ao tempo.

Bach (2013) também propõe uma revisão da Relatividade Temporal. Para ele, esse conceito deve ser expandido para as relações temporais internas das línguas. É importante esclarecer que Bach (2013) se mostra contrário à associação da Relatividade

³Deutscher (2011) resgata a ideia de Relatividade Linguística e questiona-se se essas noções relativas acerca da realidade seriam produto da cultura, ou do próprio pensamento.

às ideias de Eugenia⁴, determinantes à superioridade de uma língua em detrimento de outra, a partir do contraste depreciativo das diferenças entre os contextos socioculturais. A partir da análise de sentenças variadas e com ideias temporais por vezes contraditórias, Bach demonstra que o princípio de relativismo temporal está tão presente na língua inglesa quanto na língua Hopi. As diferenças hierárquicas entre a língua civilizada (Inglês) e a primitiva (Hopi) são completamente anuladas! O princípio de que o tempo seria percebido e representado de forma relativa estaria mais do que demonstrado: externa e internamente na Linguagem.

Além dessa discussão central sobre a natureza da temporalidade (Absolutismo x Reduccionismo x Relativismo), existem outros conceitos, secundários, mas igualmente importantes, que auxiliam na compreensão do tempo na Linguagem. As ideias de imanência, discretude, linearidade e a definição do problemático agora também devem ser estudadas.

5. Propriedades temporais secundárias: imanência, discretude e linearidade:

Além de sua própria conceituação, a noção de discretude carrega consigo, implicitamente, a ideia de imanência. O princípio de imanência se contrapõe ao de natureza discreta. Se o tempo fosse de fato imanente, isto é, um bloco contínuo de eventos, densos, inter-relacionados a um estado temporal imutável e permanente, não seria possível se observar a mudança de eventos, de posições, posto que o tempo sempre seria presente, não haveria, jamais, a ideia de futuro (BACH, 2013) – e consequentemente, nem de passado.

A ideia de linearidade advém do pensamento moderno e pode ser racionalmente pressuposta como verdade. A linearidade também se associa à propriedade de discretude, isto é, o tempo ocorre em intervalos pequenos, em recortes de tempo, opondo-se às ideias seculares de circularidade, tão presentes no pensamento de povos primitivos e nas ideias religiosas.

Bach (2011) analisa uma sequência lógica de dois eventos, que estabeleçam uma relação de dependência e causalidade entre si. Embora natureza linear do tempo

⁴ Teoria biológica que buscou demonstrar a superioridade de povos e raças.

seja um conceito assegurado, a análise lógico-semântica dos eventos *John left the party before Sally did*⁵ e *Sally left the party before John did*⁶ (BACH, 2013) permite conceber um modelo em que ambas as sentenças sejam verdade em ciclos diferentes, um anterior ao outro.

Ao passo que esses fatos podem ser racionalmente aceitos e validados, através de deduções e asserções lógicas, surge uma problemática importante quando se tenta definir o instante, o “agora”. Bach (2011) questiona-se: *O que seria o agora no tempo presente? Um instante pontual, um intervalo de tempo, um período?*⁷ Definir o “agora” é fundamental para a delimitação do presente e, por associação, para o estabelecimento do passado e do futuro, mas, sobretudo, para a validação da ideia de discretude. A imprecisão do “agora” também corrobora para ideias de relativismo na Linguagem.

Diante de tantos princípios e da problematização, Bach (2013) questiona-se se haveria padronizações, um modo próprio da Linguagem para expressar o tempo, ou se esses modelos seriam mais flexíveis. O autor trabalha apenas com Inglês, mas para fins de estudo, consideram-se Português, Inglês e Russo para análise deste estudo.

6. Análise Linguística

Esta análise linguística contempla apenas o estudo do advérbio, como proposto por Bach (2011; 2013). A análise comparativa parte da conceituação do autor e pretende contrastar a quantificação adverbial nas três línguas adotadas: Inglês, Português e Russo. Os exemplos foram pensados a partir das ideias de Bach (2011), todos foram traduzidos para as três línguas para fins de comparação.

Bach (2011; 2013) conceitua a marcação adverbial a partir da ideia de duas categorias, nas quais se enquadram tanto os advérbios propriamente ditos, quanto as orações subordinadas adverbiais causais. A classificação se dá a partir de advérbios pontuais de tempo e de advérbios duracionais.

Os marcadores adverbiais de tempo são os advérbios e as locuções adverbiais que localizam pontualmente o tempo na sentença. Os exemplos que seguem demonstram

⁵ Tradução livre: John deixou a festa antes de Sally [deixar].

⁶ Tradução livre: Sally deixou a festa antes de John [deixar].

⁷ Tradução livre de Time and Language, (BACH, 2013, pg. 19)

que há uma estruturação comum entre as três línguas, que pode ser percebida pela escolha da ordem direta dos elementos na frase, pela correspondência do *tense* (passado) e pela transitividade do verbo (intransitivo) nos três casos que seguem:

John arrived at 3 o'clock.⁸

João chegou às 3 horas.

Иван прибыл в три часа. (Ivan⁹ pribil v tri tchassá)¹⁰

Contudo, observa-se que não há uma correspondência direta de *aspect* nas três línguas, sendo ela verificada com a mesma correlação (perfeito) apenas em Português e Russo. O mesmo sentido proposto em Inglês assume aspecto simples. Além disso, chama-se atenção para o prefixo “при” (“pri”) adicionado ao verbo russo, indicando a mudança para o aspecto perfeito. Além da utilização do prefixo para forma perfeita, verificam-se na Língua Russa usos de prefixos para indicar o movimento dos verbos, o que ocasiona muitas implicações semânticas. Os verbos de movimento russos assumem formas diversas, através do acréscimo de afixos para designar a direção, a presença ou/não de companhia e até mesmo se o movimento é só de ida, ou há retorno. Equivocar-se nessas estruturas causa muitos problemas de compreensão.

Também é preciso descrever a principal diferença da Língua Russa em contraste com as outras duas: a existência de uma regência numeral. A palavra primitiva “час” (“tcháss”), hora, assume uma nova forma com o acréscimo do morfema –a (“a”), que indica o número (de um a quatro) a que se relaciona (CASTRO, 2005). Se o número escolhido fosse maior do que quatro, o caso de declinação da regência modificaria o morfema, que sofreria alterações para forma “– ов”, (“ov”), como em часов, da frase: Поезд отправляется завтра в пять часов (Paiezd atravliaietcia zafitra v piatchi tchassov), O trem parte amanhã às 17 horas. Este fenômeno ocorre, portanto, por uma alteração do caso de declinação de regência numeral.

A segunda série de exemplos também demonstra as mesmas similaridades entre os elementos da frase: a presença da ordem direta, o aspecto perfeito do verbo compartilhado pelo Português e pelo Russo, a não correspondência de aspecto verbal com o Inglês e regência numeral marcada na palavra -век, “viek” na estrutura em Russo:

⁸ Exemplo reproduzido de Time and Language, (BACH, 2013, pg. 17)

⁹ Optou-se por traduzir o nome João para Ivan, correspondente semântico em russo para facilitar a compreensão e a grafia da palavra.

¹⁰ Romanização do alfabeto cirílico, para fins de facilitar a compreensão do leitor. As demais ocorrências de texto em Russo seguirão a mesma representação romanizada.

Brothers Lumière presented the first movie in the end of 19th century.
Os irmãos Lumière apresentaram o primeiro filme no final do século 19.
Братья Люмьер показали первый фильм в конце 19-го века.
(Bratíá Liumier pakazali pierví film v kantssé 19 - go vieká)

Por fim, Bach (2013) propõe os marcadores duracionais que se caracterizam por expandir a ideia temporal de forma não pontual, mas como o próprio nome sugere, durante um determinado período:

Mary ran for one hour.
Maria correu por uma hora.
Мария побежала в течение часа.
(Maria pabiejala v tietchenie tchassá).

Na sequência acima, observa-se que há uma similaridade, como nos casos anteriores, entre a organização das frases nas três línguas. No entanto, é importante destacar o caráter duracional, presente nos exemplos, e observável através das locuções adverbiais *for one hour*, *por uma hora* e *в течение часа* (*v tietchenie tchassá*). Constata-se que novamente há uma correspondência de aspecto verbal entre o Russo, *побежала*, e o Português, *correu*, posto que ambos os verbos estão postos no aspecto perfeito. Novamente, chama-se atenção para forma verbal de correr em russo, que recebe o prefixo *по*. Além disso, constata-se que, embora a ideia seja de um processo, de um período, a ação é posta no aspecto perfeito em Português e Russo. No entanto, como nas demais estruturas analisadas, verifica-se que este padrão não é seguido na Língua Inglesa, cujo verbo, *ran*, encontra-se no aspecto simples.

7. Considerações finais

O resgate histórico-filosófico realizado neste estudo situou, brevemente, a temporalidade, suas propriedades e sua natureza em relação às principais teorias, Absolutista, Reducionista e Relativista, tão amplamente discutidas. Nesse sentido, destaca-se não somente a relevância histórica desses conceitos, como a necessidade de conhecê-los e revisá-los, em especialmente, o Relativista, dados os resultados da pesquisa envolvendo suecos bilíngues e as pressuposições teóricas de Bach (2011).

A natureza do tempo é, portanto, relativa, absoluta e reducionista ao mesmo tempo, dependendo do referencial de estudo utilizado. O tempo, por sua vez, é discreto, linear e infinito; o tempo é essência da Linguagem. Essas relações estabelecem características específicas, relações, diferenças e semelhanças, observáveis no estudo comparado de Inglês, Português e Russo.

Dentre as semelhanças, destaca-se a organização sintática das sentenças, a presença dos mesmos elementos e a semelhança e a recorrência de aspectos verbais comuns, excetuando-se os da Língua Inglesa, em razão das particularidades de seu Aspecto Perfectivo. Entre as diferenças, observa-se a estruturação morfológica da Língua Russa, tão rica, tão diversa, tão complexa, com sua formação peculiar do aspecto perfectivo, regência numeral e casos de declinação. John Saeed (2006) argumenta que o conhecimento semântico de uma língua de caso, como o Russo, passa por saber todas essas particularidades, que exercem uma relação direta com a sintaxe e morfologia.

Referências

BACH, Emmon. **Time and Language**. PUCRS, 2011.

_____. **Time and Language**. In: MOLSING, Veronica Karina; IBANÑOS, Ana Maria Tramunt. **Time and TAME in Language**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholar Publishings, 2013.

BEYER, Thomas R. **501 Russian Verbs**. New York: Barron's, 2007.

BYLUND, Emanuel; ATHANASOPOULOS, Panos. **The Whorfian Time Warp: Representing Duration Through the Language Hourglass**. *Journal of Experimental Psychology: General*. Advance online publication. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1037/xge0000314>>. Acesso em 04 jun. 2017.

CAMPOS, Jorge; IBANÑOS, Ana M. **Time and Interfaces**. In: MOLSING, Veronica Karina; IBANÑOS, Ana Maria Tramunt. **Time and TAME in Language**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholar Publishings, 2013.

CARNIE, Andrew. **Syntax: a Generative Introduction**. West Sussex: Wiley-Blackwell, 2013.

CASTRO, Tanira. **Fale Russo I**. Porto Alegre: Ediplat, 2005.

_____. **Fale Russo II**. Porto Alegre: Ediplat, 2005.

CASTRO, Tanira; MEDEANIC, Svetlana. **Dicionário Português-Russo**. Porto Alegre: Ediplat, 2005.

_____. **Dicionário Russo-Português**. Porto Alegre: Ediplat, 2005.

CRUSE, Alan. **Meaning in Language: an introduction to Semantics and Pragmatics**. Oxford: Oxford University Press, 2000.

DAHL, Östen. **Tense-Aspect-Mood-Evidentiality (TAME) and the organization of human memory**. In: MOLSING, Veronica Karina; IBANÕS, Ana Maria Tramunt. *Time and TAME in Language*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholar Publishings, 2013.

DEUSTCHER, Guy. **Through the Language Glass: Why the world looks different in other languages?** London: Arrow Books, 2011.

HAWKING, Stephen. **A Brief History of Time**. New York: Bantam Books, 2017.

IBANÕS, Ana M. T. **Sobre Semântica: Princípios**. Draft. Arquivos pessoais.

MCTAGGART, J.M.E. **A Irrealidade do Tempo**. In: *Filosofia da Física Clássica*. 2017. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/df/opessoa/>>. Acesso em 08 set. 2017, 09h.

MOLSING, Veronica Karina; IBANÕS, Ana Maria Tramunt. **Time and TAME in Language**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholar Publishings, 2013.

PESSOA JR, Osvaldo. **Natureza do Tempo**. In: *Filosofia da Física Clássica*. 2017. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/df/opessoa/FiFi-16-Cap01.pdf>>. Acesso em 07 set. 2017.

_____. **Natureza Relativística do Tempo**. In: *Filosofia da Física Clássica*. 2017. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/df/opessoa/FiFi-16-Cap09.pdf>>. Acesso em 07 set. 2017.

SAEED, John I. **Semantics**. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.